

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Básica

Formação de Professores do Ensino Médio

CARTA AOS PROFESSORES

Curitiba
Setor de Educação da UFPR
2013

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA (SEB)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Sala 500

CEP: 70047-900

Tel: (61)20228318 - 20228320

CARTA AOS PROFESSORES

AUTORA

Inês Assunção de Castro Teixeira

REVISÃO

Reinaldo Cezar Lima

Ana Carolina Caldas

Juliana Cristina Reinhardt

Victor Augustus Graciotto Silva

Marcela Renata Ramos

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Reinaldo Cezar Lima

Victor Augustus Graciotto Silva

Rafael Ferrer Kloss

CAPA

Yasmin Fabris

ARTE FINAL

Rafael Ferrer Kloss

Sumário

“Mas vibra alguma alma com as minhas palavras?” / 9

Ainda imagens quebradas? Quais imagens? / 12

Matéria de Ensino Médio / 21

Belo Horizonte, julho de 2013

Caros professores e caras professoras,

“A escola nos dá as novas
gerações de presente”
(Prof. Geraldo Lara)

Espero que esta carta os encontre bem, com saúde, vivendo enredos da docência com alegria, sem nunca perder a esperança. Sem nunca perder os sentidos mais belos de nosso trabalho junto às novas gerações, que não podem ficar largadas no mundo, à deriva. Ao contrário, as acolhemos na escola. Por esta razão, escolhi esta epígrafe para regar o chão dessa nossa conversa. Sempre me lembro dessas palavras que ouvi ao entrevistar esse colega, professor de matemática do E. Fundamental II e Médio. Ao lembrá-las, fico pensando: se a escola nos dá as novas gerações de presente, o Ensino Médio nos oferece as juventudes como dádiva. Poderíamos falar assim também, não?

Com essa referência, escrevo-lhes abrindo esse livro, ainda sob o impacto das nossas juventudes que tomaram as ruas e praças no Brasil neste junho de 2013, em memoráveis cenários, cenas e enredos. Luminosos protagonismos juvenis! Habitam essa escrita aquelas belas e fortes imagens dos jovens que se ajuntavam nas ruas e praças, nas redes sociais e tantos outros territórios, grupos e movimentos, carregando cartazes, problemas, denúncias e indignações em gestos de ousadia, esperança e rebeldia. E não poderia ser diferente se lhes escrevo no Brasil, em meados de julho deste mesmo ano!

Escrevo-lhes sob o calor dos protagonismos juvenis que combinam novas e velhas formas de fazer política, misturando — na polissemia dos gestos, vibrações e vozes — o virtual e o presencial, a indignação e a ternura, numa trama que abe horizontes, transbordando na “Copa das Manifestações” (essa frase vi escrita em um dos cartazes dos estudantes do CEFET-MG) a que assistimos de norte a sul do país.

Escrevo-lhes lembrando, ainda, os abraços e os afetos, os enlaces da festa na política e da política em festa, que aqui e acolá tantos segmentos do Brasil realizaram, tendo os jovens dado a partida; o Brasil exigindo direitos, participação, cidadania para todos, para além dos campos de futebol e das quadrilhas dos festejos juninos.

Escrevo-lhes lembrando, e isso não podemos nunca esquecer, das ações da polícia (na qual se incluem também muitos jovens, não nos esqueçamos), fazendo temer e tremer os ânimos e a garra, em gestos repressivos, ferindo os direitos à livre manifestação e expressão. Escrevo-lhes com preocupação pela culpabilização dos que foram chamados vândalos, algo que rotula certas condutas, encobrando as razões que as produzem. Encobrando outros vandalismos a que estamos submetidos, tais como os mecanismos do sistema financeiro e tributário vigente no país, a corrupção, a injustiça e a desigualdade social. Estes sim, vandalismos de origem, embora legitimados pelas dinâmicas do poder.

Mas, a essa altura desse texto, é possível que vocês estejam pensando ainda por que conversar sobre isso e o que mais virá adiante sob a forma de carta? Por que lhes enviamos, no início

deste livro, uma carta, em vez de outro tipo de texto? São muitas as razões pelas quais fiz essa escolha. Entre elas, porque sempre pensei que as cartas podem ser uma escrita ou comunicação mais íntima e inteira. Parece-me que muitas delas falam com a alma, esse interior de que saem, atravessando o pensamento, o sentimento, antes de virarem palavra. E as palavras, — parte integrante de nosso ofício de mestre —, as vejo mais densas, expressivas e intensas em certas cartas, como podem também ficar mais cândidas e formosas.

Por isso e algo mais, pensei que para falar com meus colegas do Ensino Médio uma carta poderia ser algo bem-vindo. Uma longa carta, por certo. Mas assim como são mais curtas, elas podem também se alongar, dependendo do assunto, do momento, dos sentimentos, não é? Além disso, uma carta tem sempre a possibilidade de trazer outras que a respondam. Talvez isso possa acontecer entre nós, abrindo uma correspondência entre professores do Ensino Médio. O que acham vocês dessa ideia?

Lembro, ainda que as cartas sempre trazem notícias. Boas, tristes, doces, amargas, como a vida e a própria docência : uma mistura disso e daquilo. E muitas, tantas delas, são modos de contar e elaborar experiências, formas de compartilhar a vida, não é isso? Assim gostaria que vocês entendessem essa escrita: uma carta que pretende ser um início de conversa, inaugurando possibilidades para se pensar e reinventar nossas vidas cotidianas e experiências de professores do Ensino Médio. No meu caso, professora de jovens de cursos de graduação, Pedagogia e Licen-

ciaturas, que chegam à universidade vindos das mãos de vocês, os colegas do Ensino Médio que nos precedem no sistema educacional.

Feita essa explicação, voltemos às cenas juvenis das ruas e praças que atravessam toda essa escrita. Vendo aquelas imagens, aquelas cenas e enredos a todo o momento, algumas perguntas vinham à minha cabeça. E é possível que alguns de vocês tenham se perguntado o mesmo que eu, pensando: quem eram aqueles e aquelas jovens? Teriam sido ou são nossos alunos no Ensino Médio e nas universidades? Teriam aprendido com seus professores sobre os movimentos e lutas sociais? A cada momento perguntava, com insistência, sobre quais responsabilidades temos para com nossas juventudes, sendo seus professores? O que deveríamos fazer com esses nossos jovens? Vocês se faziam também essas perguntas, colegas? E mais: o que pensar quanto a isso? Como elaborá-las? Ou que outras perguntas deveríamos acrescentar, não somente diante das cenas das ruas, mas diante de nossos jovens nas cenas das salas de aula e da escola de Ensino Médio? E indagando mais ainda, pergunto-me sobre o que é específico na docência com jovens ou no trabalho dos professores do Ensino Médio?

Faço-lhes, então, um convite para que continuem na leitura da carta, tentando pensar um pouco sobre essas e outras questões, ainda que tenhamos que alongar um pouco a nossa carta-conversa. Pode ser? Está aceita a proposta? E para facilitar a leitura, diferentemente das cartas mais convencionais, farei uns pequenos cortes em forma de subtítulo que podem nos ajudar na escrita e na leitura, está combinado?

Ah, também estarei usando, eventualmente, o P.S., comum em muitas cartas, para não quebrar o ritmo das ideias no corpo da escrita.

“Mas vibra alguma alma com as minhas palavras?”

Ao escrever-lhes, colegas, fui também levada a um poema de Fernando Pessoa, que conheci por meio de uma jovem aluna de Licenciatura de Geografia, num daqueles felizes momentos de nossas histórias docentes. Aqueles momentos nos quais um estudante nos ensina algo, faz-nos ver, mostra-nos o que não sabíamos. São acontecimentos que trazem alegria para gente, que vocês também vivenciam, certamente; nos quais a criança, o adolescente, o jovem aluno nos expande, nos faz mais largos, belos e completos, ultrapassando-nos. São como ocasiões em que os perdemos de vista, porque alçaram um voo maior, livre, autônomo. Vocês já viveram momentos como esse, não é verdade?

Ao trazer os poetas, devo explicar-lhes, também, que estou cada vez mais convencida de que não somente a filosofia e a ciência nos ajudam a pensar, ler e sentir o mundo. Os poetas e os artistas, de um modo geral, são imprescindíveis. E para os professores, muito mais, porque eles afinam nossa sensibilidade e percepção, o entendimento e a formulação, como também as formas como nos expressamos. Vocês concordam comigo quanto a isso? Se não, isso não importa, pois não precisamos pensar do mesmo jeito, não temos que concordar! O importante é nos escutarmos, pensando cada um a seu modo, tal como

tentamos fazer com a garotada na escola, embora nem sempre, é verdade. Sei que isso não é fácil, essa convivência respeitosa, hospitaleira com a diferença, usando a palavra de Olgaria Matos. E pode ficar mais complicado ainda quando convivemos com jovens, que tantas vezes nos desafiam, nos provocam, nos instigam. Mas é muito mais humano, mais enriquecedor, mais saudável, mais belo e, no limite, é muito mais feliz viver e acolher a diferença sem fechar o pensamento e o coração, não é verdade?

Deixando essa pequena digressão, Pessoa dizia em uma parte de um dos seus poemas:

Ah, mas como eu desejaria de lançar ao menos numa alma alguma coisa de veneno, de desassossego e de inquietação. [...] Mas vibra alguma alma com as minhas palavras? Ouve-as alguém que não só eu?

Quando li isso, pensei logo em todos nós, professores. Pensei no que eu mesma sinto tantas e tantas vezes nas minhas aulas, nas quais tenho sempre receio de que o estudante entre no tempo da aula, sem que a aula entre nele, sem que a aula entre no tempo dele, como gosto de dizer. Entendi, então, por que aquela minha jovem estudante escolheu aquele poema para me mostrar e sugerir: ele falava de nossa experiência de professores do E. M. e de outros segmentos hoje. Perguntei-me, então, se não seria essa uma das maiores tensões ou questões que vivemos hoje na docência no E.M. ou outros níveis de ensino, como é o caso da minha experiência em certas aulas na universidade: como tocar naqueles jovens à nossa frente, envolvendo-os em nossas

propostas didático-pedagógicas? O que as aulas, o que esses nossos encontros representam para eles? Que sentidos ou significados eles lhes atribuem? Pergunto-lhes, colegas: vocês têm passado por isso? Vocês têm sentido isso? Esse tipo de inquietação, ou melhor, de angústia faz parte de suas experiências docentes nestes dias de hoje?

Vou tentar elaborar isso de outra maneira, pois tenho observado e conversado sobre essa angústia, esse nosso desafio, com alguns colegas e com vocês, agora.

E quantos somos hoje! Muito mais do que em passado recente e remoto. Tendo em vista a expansão do Ensino Médio, somos inúmeros professores na rede pública e particular. Constituímos, no presente, um grande contingente de mulheres e homens que a cada manhã, tarde e noite, no campo e na cidade, nas vilas e nas favelas, nas aldeias e nas florestas, saem de suas casas em direção às escolas. Ali chegando, lá estão eles e elas diante de nós nos esperando, nos interpelando. Às vezes, nos questionando, se rebelando em atos e palavras. Lá estão eles, grandes grupos de adolescentes e jovens alunos e alunas, trazendo consigo histórias individuais e coletivas, marcadas por variadas origens sociais e de classe, por pertencimentos étnico-raciais, culturais, geracionais, entre outros traços que os fazem, de um lado, diversos, e de outro, únicos.

Nos tempos dedicados a seu incansável labor, observo que os colegas do Ensino Médio, assim como eu e muitos de nós, têm colocado questões semelhantes à do poeta, perguntando: ouve, minhas palavras docentes, alguém que não só eu? Toca, meus gestos de professor/a, alguém que não só a mim? Aprende, o que penso ensinar,

alguém mais do que eu? Dito de outra maneira, como chegar, atingir, afetar, envolver aqueles meninos e meninas para com eles compartilhar experiências e aprendizados significativos? Como construir a docência no cenário da sala de aula e da escola com esses personagens, nas condições que temos? Sigamos pensando sobre isso.

Ainda imagens quebradas? **Quais imagens?**

Tenho por hipótese que essas perguntas e esses sentimentos encerram grande parte de nossas tensões e desafios de professores hoje, ao lado das condições materiais das escolas e das precárias condições laborais dos professores da Educação Básica, nas quais se destacam os pífios níveis salariais para extensas jornadas de trabalho dentro e fora da escola, problemas por demais conhecidos e denunciados, ainda não resolvidos. E, mais recentemente, também não se pode esquecer que, atropelando o cotidiano da escola e da docência, estão os vários procedimentos de avaliação de desempenho dos estudantes, dos professores e das escolas. Mediante padrões estandardizados, classificadores, selecionadores, por meio de *rankings* que comparam o que é distinto, homogeneizando o diverso, mensurações quantitativas que priorizam os resultados em detrimento dos processos, os professores têm sido julgados e culpabilizados. Estes sistemas de avaliação e medida vão se tornando o centro dos currículos, da vida escolar e dos processos didático-pedagógicos, sendo consagrados. Tal como o vestibular, que há décadas representa um pouco

disso para uma parte do Ensino Médio, ao qual se somam essas avaliações, julgamentos e classificações de agora.

Seguindo com o raciocínio, para melhor entendermos a importância da pergunta do poeta que trago para o nosso caso, precisamos lembrar (e imagino que vocês concordam comigo a respeito), sobre o que é imprescindível à docência, em que tudo tem origem, digamos. Qual seria esse elemento que faz existir a docência? Vamos pensar sobre isso?

Se observarmos tudo o que pode não estar presente na docência e, ao mesmo tempo, buscarmos o que nela não pode faltar, vamos encontrar a relação intersubjetiva, as interações entre as crianças, adolescentes, jovens e adultos ditos alunos de um lado e, de outro, os adultos, seus professores. Talvez por ser assim, porque tudo começa e acontece nessa relação, Hargreaves tenha dito que “a emoção é o coração da docência”. A emoção intimamente implicada nessas relações, obviamente. Sendo assim, tudo pode variar e certas coisas podem mudar ou mesmo não existir na docência, tais como as divisões das disciplinas e séries escolares, os espaços e tempos nos quais lecionamos, os currículos, os ciclos, os métodos formalizados de ensino, os equipamentos, etc. Só não pode faltar a relação, que é sempre mediada pelos conteúdos e processos do ensinar-aprender-ensinando; que é sempre uma relação de alteridade, entre diferentes.

Continuando esse raciocínio, colegas, se as nossas relações com os meninos, ditos nossos alunos, é onde a docência pulsa e terreno no qual ela se constitui, dois elementos se tornam fundamentais: de um lado, como chegar

aos meninos, nossos jovens alunos, tal como o poeta se perguntava sobre os seus leitores; de outro, esse como chegar até eles, como “conquistá-los” para as nossas propostas, aulas, projetos, quais sejam, as nossas relações com os meninos estão sempre implicadas, como toda relação social, em significações e sentidos, em motivações e interesses, tal como aprendemos com Weber e outros pensadores. Elas estão sempre impregnadas e influenciadas pelas nossas visões, percepções, representações e (ou) imagens e sentimentos acerca deles e delas. Nesse ponto, preciso deter-me um pouco, pois ele é muito importante, pode ser?

Aqui me lembro de um texto de Miguel Arroyo, no qual ele desenvolve a ideia de que nossas visões e percepções, nossas representações e sentimentos sobre as crianças e jovens das escolas públicas são, hoje, como *imagens quebradas*. Por que isso? Ou como seria isso? Porque na escola pública, em especial, as expectativas, as percepções e visões que grande parte de seus professores tem sobre eles não corresponde ao que eles e elas, crianças e jovens, realmente são. Nesse sentido, quantos de nós quantas vezes trazemos ou falamos em nossas conversas entre colegas ou agimos com os meninos a partir de visões e sentimentos baseados em estereótipos, rótulos ou imagens negativas, que os inferiorizam com adjetivos desqualificadores? Vocês já observaram isso?

Sendo assim, seria muito necessário nos perguntarmos quais são as nossas imagens sobre nossos jovens alunos, via de regra, vindos das classes populares. Quantas vezes tais imagens os desqualificam, quantas de nossas percepções os

desvalorizam, os culpabilizam, sendo isso consciente ou inconsciente de nossa parte? Quantos estereótipos negativos usamos claramente ou tentamos esconder, para julgá-los, não raro para incriminá-los, não é verdade? Por certo que nem tudo é fácil em nossas relações com eles, muito pelo contrário, mas será esse o melhor caminho para trabalharmos com eles e elas? E serão justas e verdadeiras tais imagens, ou as internalizamos, sem nunca parar para pensar nisso?

Falando de outra maneira, essas imagens e representações que vamos revelando (e, também escondendo) em nossas interações com esse público foram sendo inculcadas em nosso pensamento, em nossos corações e mentes, em nossos sistemas simbólicos de classificação e julgamento, digamos assim. São imagens e representações que absorvemos e reproduzimos, pois elas são e sempre constituíram as bases de uma sociedade injusta e desigual, autoritária e elitista, como o caso brasileiro, que ainda mantém a casa-grande e a senzala. Reparem, colegas, que essas espécies de imagens e representações sobre os negros e os pobres, sobre as classes populares, que chegam a criminalizá-las, foram e são transmitidas por várias vias e estão presentes em todos os ditos períodos da história social e política no Brasil. Estiveram e estão presentes da conquista aos dias atuais, passando pela escravidão, é claro. E seguem sendo ensinadas e reproduzidas. Basta observarmos a grande mídia falada e escrita, por exemplo; das novelas aos programas de humor, dos noticiários aos programas de auditório e outros gêneros, que pintam, rotulam, culpabilizam, desvalorizam. Os mais pobres não escapam, na verdade. Em geral são considerados e apresen-

tados como preguiçosos, feios, incapazes, carentes, violentos, desinteressados, desestruturados e tantos adjetivos desqualificadores que crescem na lista. Imagino que vocês observam e sabem disso, como eu!

É inegável que tais preconceitos, generalizações, rotulações, discriminações ainda permanecem entre nós, transitando da mídia, da família, dos tribunais, do parlamento e de todo tipo de espaço social para as escolas. Se observarmos com atenção, veremos que tais imagens e representações desqualificadoras dos mais pobres ainda permanecem dentro de muitos de nós, influenciando e impregnando, prejudicando, para não dizer comprometendo nossas relações e práticas com os jovens da escola pública.

Ainda em torno das *imagens quebradas* e dessas visões que rotulam e desqualificam a população estudantil das escolas públicas — verdadeiros atos de violência simbólica —, pergunto-lhes se não se observa também, entre os docentes, certa nostalgia ao compararem a escola e os alunos de hoje e de ontem. Esse tipo de visão e de postura, podemos ver, por exemplo, em nossas tantas e tantas reclamações no sentido de que hoje os estudantes que cursam o Ensino Médio não têm condições para tanto. Costumamos dizer que eles não sabem nada do que deveriam: não sabem ler; não sabem escrever; não fazem cálculos e operações matemáticas; tanto quanto não sabem se comportar, alheios que estão às regras de conduta mais elementares que sejam. E por aí seguimos, muitas vezes, culpabilizando os próprios meninos, suas famílias e até mesmo os colegas que nos precederam nas séries anteriores do siste-

ma educacional. Digam-me se tenho razão ou o que vocês acham de tudo isso? Estou correta nessas ponderações?

Mas não sejamos injustos conosco, pois entre os docentes são também visíveis no cotidiano das escolas públicas do Ensino Médio outras imagens, outras representações sociais sobre os jovens alunos. Nelas estão, também, inúmeros docentes que acreditam naqueles jovens e com os quais eles realizam belos trabalhos. Neste caso, um dos pontos de suas preocupações é outro: como desenvolver mais e melhor o potencial daqueles jovens do Ensino Médio? O que trazer aos currículos? Quais metodologias, práticas de ensino e aprendizagem seriam mais adequadas e promissoras para esses meninos e nível de ensino? Como ou em que direção trabalhar com eles pedagogicamente?

Entre colegas do Ensino Médio, observo, ainda, os que têm outros tipos de preocupação e angústia, relativas aos projetos e perspectivas de futuro daqueles e para aqueles jovens, preocupação associada ao seu compromisso profissional e humano com eles. Enfim, existem entre nós inúmeros colegas que acreditam nos meninos e os auxiliam efetivamente, os que se dedicam e se desdobram na docência, invadindo até mesmo seus tempos privados e de lazer com tarefas da docência, num sobre-esforço para superar a precariedade das condições laborais e das escolas.

Completando essa nossa conversa, se olharmos por outro lado, nos encontros e desencontros entre os professores e seus jovens alunos nos territórios da sala de aula e da escola, não raro vivências conflituosas, tensões emocio-

nais e inquietações as mais diversas têm destituído a docência de seu fundamento: a reciprocidade e interdependência entre os jovens discentes e os adultos, docentes. Muitas vezes os próprios professores se autodesqualificam, com atitudes e expressões de desvalorização e desânimo, de cansaço, sendo levados a sentimentos de baixa autoestima. Nesses enredos, os sentidos, os significados e a importância mesma do ofício de mestre são colocados em questão pelos próprios docentes.

Talvez seja bom dizer isso de outra maneira, para ficar mais claro. Qual seja, vemos hoje, entre os professores do Ensino Médio e outros segmentos do magistério — tanto no Brasil como em outras partes do mundo —, a docência sendo posta em questão, colocada à prova, algo como se sofrêssemos uma erosão. Perguntas básicas vão se colocando entre velhas e novas preocupações da docência, entre elas: nos dias de hoje, com novos alunos, novas tecnologias, novas formas de sociabilidade, com o desgaste da autoridade e da civilidade, em tempos de corrosão do caráter, como as palavras de Richard Sennet e outros pensadores apontam; diante de novos e velhos problemas estruturais e conjunturais (desigualdade e injustiça social, privatização do Estado, falta de políticas sociais para a juventude e tantas mais), o que caracteriza a condição docente no E. M., quando se trabalha com jovens? Qual a nossa importância, quais as responsabilidades e tarefas nas lidas docentes com as nossas juventudes? Como trabalhar com os jovens, edificando subjetividades ativamente curiosas, livres e responsáveis, capazes de viverem na polis, colaboradores e solidários na prática da vida?

Como assegurar aos jovens alunos de nossas escolas de Ensino Médio experiências férteis e fecundas que neles desenvolvam o desejo de saber, de ir além do conhecido, que os tornem sujeitos pensantes e sensíveis, solidários e democráticos, humanos, dignos? Afinal, como compreender e superar o dilema de envolver os meninos com a aula, a aprendizagem, o conhecimento?

Essas são perguntas que insistem em ficar à nossa frente, não é verdade? Talvez por isso elas tenham voltado ao meu pensamento diante das cenas juvenis nas manifestações nas ruas nos idos de junho, às quais eu retorno. Talvez por isso elas tenham motivado e percorrido toda essa carta sem que tenha encontrado para elas soluções de pronto. Por certo que, sendo fundamentais, elas extrapolam em muito os limites dessa carta, porque precisam ser muito mais e melhor elaboradas. E como já é hora de ir terminando essa longa conversa, sigamos pensando, estudando, conversando, escrevendo sobre elas, discutindo-as para além daqui. Podemos combinar assim? Não seria possível falar sobre tudo em uma carta. Sendo assim, preferi anunciar algumas questões e pontos, submetendo-os à apreciação e reflexão de vocês.

Antes de chegar ao final, é preciso ainda lembrar que a escola, a docência e as juventudes não podem ser compreendidas em si mesmas, pois elas existem em contextos sócio-históricos mais amplos. Por isso, devem ser observadas do lado de dentro e do lado de fora da escola, lembrando o que Fanfani falou ao analisar o que ele considera *a nova questão social da América Latina*, isso é, o problema daqueles que chegaram à es-

cola, mas nela não se desenvolvem, não aprendem. Ou, nas palavras de Bourdieu, o problema *dos excluídos do interior*.

Talvez possamos dizer, então, que, em alguns sentidos, a profissão de professor, o ato educativo-pedagógico escolar está posto em jogo no mundo contemporâneo, no Brasil, aqui e acolá. O Ensino Médio e a docência que nele se realizam na forma como os construímos até aqui estão desgastados. Talvez seja possível dizer, até mesmo, que a docência está posta em suspeita, está sob intempéries, na expressão de Vazen, ao mesmo tempo em que o ofício de professor é ainda muito necessário, senão imprescindível nos dias de hoje, pois vivemos em sociedades nas quais a vida vai sendo banalizada, os valores corroídos. Aqui e ali estamos sob a égide do espetáculo, sob a mais larga mercantilização das relações sociais, do mundo, da natureza, lembrando os tantos autores que têm pensado e escrito sobre tudo isso. Nesse contexto, o trabalho dos professores torna-se ainda mais necessário, nesses tempos nos quais tantos e tantos jovens são deixados à deriva, num contexto social preocupante. São inúmeros os nossos jovens que estão abandonados em vários sentidos, entregues às seduções do consumismo, da mercantilização, da espetacularização e da banalização da vida, reiterando os termos acima. Ao mesmo tempo, sabemos que outros inúmeros jovens e seus professores apostam na esperança e na vida, como estamos vendo com tanta evidência nas manifestações das ruas que anunciam promissoras possibilidades, nos movimentos e experiências sociais juvenis e de outros grupos que sejam, desejosos de fazer uma história outra.

Seria possível dizer, então, que já estamos a caminho, cumprindo nossas responsabilidades, visto que são inúmeros os professores do E. M. que acreditam nos meninos e os auxiliam efetivamente, os que se comprometem com as escolas públicas de fato, seguindo junto com nossos jovens estudantes em projetos de formação humana e cidadã. Seria possível dizer que já estamos, aos poucos, aqui e acolá, realizando nossa tarefa de professores do E. M., a qual concerne ao nosso mais radical compromisso com a humanização do mundo e com a dignidade da vida em todas as suas formas. Um compromisso que diz respeito à nossa responsabilidade primeira: a mais contundente, permanente e apaixonada aposta na esperança que se renova em cada vida que amanhece diante de nós, ali tão perto; em cada jovem que encontramos no cotidiano da docência.

Matéria de Ensino Médio

Por certo que temos outros problemas e desafios que nos colocam à prova no dia a dia da docência no Ensino Médio, que seriam temas para outras conversas e cartas, pois essa já vai indo longa. É hora de terminar. Pensei, então, em outro poeta, gente que tanto nos inspira. Aquele do Pantanal, o Manuel de Barros, vocês o conhecem? Ele tem um poema belíssimo que se chama “Matéria de poesia”, o qual diz, ou melhor, entoia, já que são versos que parecem canções, como esses que escolhi e copio:

Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para poesia. O homem que possui um

pente e uma árvore serve para poesia.
[...]. As coisas que não levam a nada têm grande importância.
[...] Cada coisa ordinária é um elemento de estima. Cada coisa sem préstimo tem seu lugar na poesia ou na geral.
[...] Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mijá em cima, serve para a poesia.

E por aí vai o Manuel, falando de coisas das mínimas às grandiosas, que servem para a poesia. Aprendi com a querida amiga professora Adriana Fresquet a trabalhar com esse poema em nossos projetos de educação e cinema, fazendo adaptações. Na verdade, trocando a palavra poesia pelo cinema. Aqui, em nosso caso, queria propor a troca da palavra poesia por Ensino Médio. Vocês topam? Vamos juntos nessa licença poética, como numa brincadeira com palavras e ideias, numa reinvenção poética? Eu começo com os primeiros versos e vocês continuam, pode ser? Então, comecemos:

O que faz parte das juventudes, das culturas e experiências juvenis — anseios, angústias, necessidades, manifestações, expressões, namoro, sexualidade, grupos, amizades, protagonismos, indagações, diferenças — são fortuna do Ensino Médio;
Questionamentos, projetos, sonhos, frustrações, interesses juvenis compartilhados entre professores e estudantes, e até os problemas mais difíceis, servem para o Ensino Médio; Observar, indagar, compreender os jovens nas ruas, nas cidades, nas casas, onde seja; buscar sentidos e sentimentos; criar e recriar conhecimentos que falem da vida e a contemham faz bem ao Ensino Médio;
Reinventar a docência, coletiva e individualmente, recriar modos de ser,

de sentir, de pensar, de construir os tempos e espaços, os rituais e as lidas do dia — na sala de aula e na escola — é matéria de professores do Ensino Médio; Fazer e pensar; experimentar; olhar e rever; indagar; inventar e reinventar as ideias, as coisas, as possibilidades; escutar (mais do que ouvir e falar) dá vida e vigor aos professores do Ensino Médio; Realizar e acontecer junto, fraternalmente — professores e estudantes; juventude e escola — dá alegria e formosura. Têm toda importância para o Ensino Médio.

A partir daqui, vocês completam ou reescrevem o poema, combinado? E quem sabe, ao terminá-lo, a gente até manda uma cópia para o Manuel de Barros? Assim, o poeta vai saber que suas palavras nos afetaram, elas nos tocaram, como Pessoa desejava. Como os professores também desejam. Relembrando suas palavras: “*Ah, mas como eu desejaria de lançar ao menos numa alma...*”.

Assim, despeço-me com um abraço carinhoso, na expectativa de que a gente continue essa conversa, quem sabe em outras cartas que vêm e que vão. Termino desejando, ainda, que vocês tenham um feliz e fecundo encontro com esse livro. Quiçá, o reescrevam a partir de suas experiências e histórias.

P.S.: Seguem abaixo algumas indicações bibliográficas que utilizei.

ARROYO, Miguel. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BARROS, Manuel. *Matéria de poesia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1990.

FANFANI, Emilio Tenti. *La escuela y la cuestión*

social: ensayos de Sociología de Educación. Buenos Aires: Siglo XXI Editores: 2007.

FRESQUET, Adriana; XAVIER, Marcia. *Novas imagens do desaprender: uma experiência de aprender cinema entre a cinemateca e a escola*. Rio de Janeiro: Bookink, CINEAD-LISE-FAE-UFRJ, 2008.

LEAL, Álida; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Fios e desafios da docência no ensino médio. *Outro Olhar*. Revista de Debates, Belo Horizonte, ano X, n. 7, ago.2011.

MATOS, Olgária. *Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SENNET, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Tempos enredados: teias da condição professor*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998. (Mimeo.)

_____. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426- 443, maio/ago. 2007.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1979.